

## FORMAÇÃO CONTINUADA EM AVALIAÇÃO: Carência Identificada

VANUZA CECÍLIA DE OLIVEIRA

FACULTAD INTERAMERICANA DE CIENCIAS SOCIALES - FICS

### Resumo

Este artigo tem objetivo discutir a formação continuada voltada para avaliação da aprendizagem. A necessidade de mudar a forma como a aprendizagem é avaliada e a escassez de espaços qualificados de formação que orientassem os profissionais para prática avaliativa, este texto busca promover um debate com professores, coordenadores e diretores sobre os fatores que incidem sobre a existência de uma avaliação classificatória ainda em voga nas instituições escolares. Numa abordagem quali-quantitativa, descreve pontos-chaves para colocar a formação continuada no centro das atenções numa perspectiva transformadora do ato avaliativo. No entanto, a pesquisa deixa explícito a ausência dessa prática e limita o alcance de boas práticas.

**Palavras-chave:** Avaliação. Aprendizagem. Formação Continuada.

### Abstract

This article aims to discuss continuing training aimed at evaluating learning. The need to change the way learning is assessed and the scarcity of qualified training spaces that would guide professionals towards assessment practice, this text seeks to promote a debate with teachers, coordinators and directors about the factors that affect the existence of an assessment classification system still in vogue in school institutions. In a quali-quantitative approach, it describes key points to put continuing education at the center of attention in a transformative perspective of the assessment act. However, the research makes clear the absence of this practice and limits the scope of good practices.

4183

**Keywords:** Assessment. Learning. Continuing Training.

### 1. Introdução

As práticas avaliativas muitas vezes são resumidas por notas, mas vamos refletir sobre isso? Um número como o poder de avaliar o estudante e determinar se é um bom ou mal aluno. Em uma análise quantitativa, partindo dos acertos em uma prova restringe por um lado o seu conhecimento e por outro a sua vida acadêmica, pois dela depende para sua aprovação ou reprovação.

Numa sociedade onde a medição é o principal objetivo da avaliação, em oposição à ação classificatória, existe uma necessidade urgente de mudar a maneira como a aprendizagem

é avaliada. Também, não atende apenas os alunos, bem como todos os comprometidos no processo de ensino e de aprendizagem.

Destaco observações como professora da Educação Básica, decorrentes das vivências e experiências com as práticas avaliativas no decorrer da minha vida enquanto estudante e profissional. De fato, antes mesmo de atuar como professora pude constatar a negatividade empregada às ações avaliativas no período escolar, pois me acompanha desde quando ainda estudava no Ensino Fundamental. E que ainda, muitas vezes, vivenciei enquanto estudante de graduação.

As representações pessoais e profissionais, constituída enquanto professora, a escassez de espaços qualificados de formação que orientassem os profissionais para prática avaliativa, momentos de incertezas com o cenário oportunizou descrever o percurso sobre a temática. O despertar sobre o estudo com avaliação nasceu na graduação de Pedagogia, na intenção de compreender o processo avaliativo. Mal sabia que era não foi suficiente, precisaria intervir em minha própria história de vida enquanto educadora. Já não estava mais satisfeita com os moldes, de tão longa data, ainda instaurado nas salas de aula.

O mestrado abriu portas para aprofundamento teórico no campo da educação e, especificamente, no da avaliação. Compreende-se nesse momento que o sistema desconsidera as aprendizagens em detrimento de notas, classificação, exclusão. Por este motivo, agora a nível de Doutorado, amplio o debate pautado em uma formação exclusivamente sobre avaliação.

Deste modo, o objetivo desse artigo é apresentar alguns dados de uma pesquisa realizada com educadores do município de Serra do Ramalho, estado da Bahia, a partir da temática ‘formação continuada em avaliação para as aprendizagens’, abarcadas pelo discurso emergente na área educacional. De cunho quali-quantitativa, busca uma reflexão em duas bases: avaliação por ser reconhecida como processo de desenvolvimento da aprendizagem escolar e a formação continuada por implicar diretamente em reconstruir realidade atual da profissão.

Com o objetivo obter informações sobre a formação continuada, cento e doze (112) profissionais do município de Serra do Ramalho – Bahia, sendo noventa (90) professores, dez (10) coordenadores, doze (12) diretores participaram da pesquisa através de um roteiro de entrevista estruturado no *Google Forms*<sup>1</sup>. Cautelosamente o processo de investigação decorreu a partir de 17/12/2022 a 25/02/2023, através de uma agenda flexível, acautelada para não

---

<sup>1</sup> Programa utilizado para a tabulação e análise de dados. Ferramenta de apoio tecnológico e essencial para a pesquisa, pois diminuiu a distância entre os pares, visto a geografia do município.

interferir no processo de averiguação. Embasado na descrição dos relatos e respostas que centralizam determinantes quanto a prática da avaliação e da formação continuada.

O texto traz um apelo a necessidade de mudança teórico e prática por meio da reflexão. Para compreender essas abordagens, estará embasada em definições e os fundamentos segundo os conceitos dos mais diversos autores, os quais contribuirão para o desenvolvimento de novos conceitos teórico-práticos, trazendo a compreensão necessária à prática de todos atores profissionais envolvidos no contexto educacional.

Não criticando nossas ações diárias. Houve o suficiente para nos fazer perceber que precisávamos de um novo caminho. Este artigo convida, portanto, principalmente professores (principais responsáveis pelo ato de ensinar), administradores, coordenadores e tecnólogos educacionais a repensarem as práticas de avaliação. Que seja motivo para compreender a beleza da avaliação para o desenvolvimento da aprendizagem, a fim de propor e implementar mudanças no ambiente escolar.

## **2. Formação continuada: a chave para mudanças no fazer avaliativo**

A avaliação é uma ferramenta poderosa para a mudança no contexto escolar. Avaliar consiste em apoiar as decisões educativas com vista a alcançar os resultados pretendidos, ou seja, é parceira de todas as ações, sejam elas gerais, do dia a dia, ou ações profissionais. Nenhuma escolha na vida humana pode ser feita sem o apoio da avaliação, pois opera com as qualidades da realidade que nos rodeia e apoia as nossas decisões (LUCKESI, 2021).

Com isso, podemos dizer que estamos constantemente avaliando aquilo que consideramos ser mais adequado. Avaliamos a comida que comemos, as conversas que temos, a qualidade, a cor, o estilo, o caimento das nossas roupas, as escolhas pessoais, e muitos outros aspectos cotidianos. Em última análise, avaliamos, julgamos e valorizamos as coisas. Avaliamos para determinar o que é melhor e aprender a partir do erro.

Avaliar surgiu a partir da manifestação humana e constitui uma das três formas universais de fazer as coisas: conhecer os fatos, compreender os valores, tomar decisões e agir no mundo que nos rodeia (LUCKESI, 2021). Por que avaliar nas escolas se torna uma prática que classifica e exclui estudantes? Quando se faz referência à avaliação, os primeiros pensamentos apontam para provas, notas, classificação, reprovação ou aprovação, medição.

Na educação, a avaliação está, em última análise, divorciada do contexto da aprendizagem como processo formativo. Isso porque as instituições de ensino foram e são formadas num contexto dominado pela hegemonia da sociedade burguesa, que determina

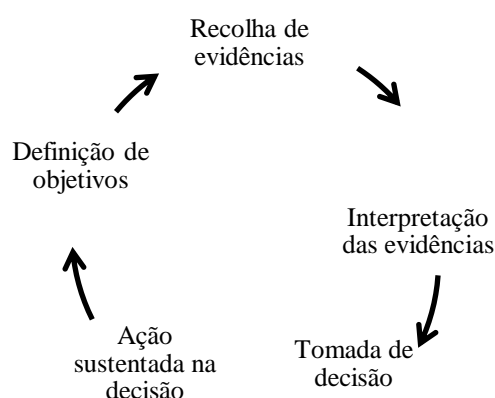
modos de ser, pensar e agir (OLIVEIRA, 2022). Surge, então, a apreciação pela aprovação de uns e rejeição de outros. Assim ficou reduzida, historicamente, a provas, notas, conceitos e boletins nomeados de avaliação.

Neste cenário de avaliação inerentemente coercitivo, é necessário que os educadores se reconheçam como um coletivo e questionem as suas próprias práticas de sala de aula como um coletivo; para servir verdadeiramente a aprendizagem dos estudantes (OLIVEIRA, 2022). Pode-se, portanto, a formação continuada ser parte importante, não apenas para os professores, a uma reestruturação prática das escolas no que se refere a avaliação. Isso porque,

É preciso estabelecer um preparo que proporcione um conhecimento válido e gere uma atitude interativa e dialética que leve a valorizar a necessidade de uma atualização permanente em função das mudanças que se produzem; a criar estratégias e métodos de intervenção, cooperação, análise, reflexão; a construir um estilo rigoroso e investigativo. Aprender também a conviver com as próprias limitações e com as frustrações e condicionantes produzidos pelo entorno, já que a função docente se move em contextos sociais que, cada vez mais, refletem forças em conflito (IMBERNÓN, 2022, p.48).

Deste modo, um preparo para avaliação se torne um ato que oriente e motive os estudantes, respeitando suas individualidades. Ortigão (2019), apresenta as fases de um modelo avaliativo como processo de tomada de decisão no diagrama abaixo identificado.

Figura 1 - Avaliação como um processo de tomada de decisão<sup>2</sup>



Percebe-se no esquema acima, segundo o ciclo, que a parte recolher evidências sobre a aprendizagem do estudante em primeira mão. Com os objetivos definidos interpreta e a partir dessas inferências, em uma ação sustentada na decisão reorienta seu planejamento, chega-se a um juízo de valor para fins pedagógicos, ou seja, melhorar o ensino e a aprendizagem.

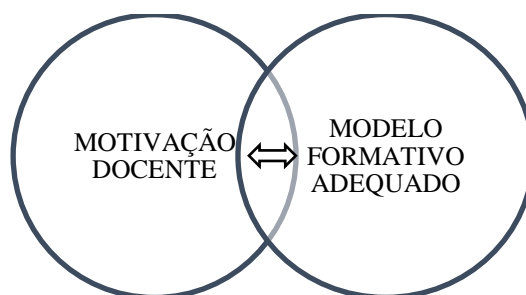
<sup>2</sup> Fonte: Ortigão, 2019, p. 23.

Uma aprendizagem como centro da avaliação, é preciso refletir sobre o processo avaliativo atual das instituições escolares. Enquanto elemento essencial, a formação continuada para aprender a avaliar nesses moldes, oportunizará aos professores e administradores educacionais reflitam sobre suas práticas e obtenham uma visão crítica dos usos e propósitos da aprendizagem, ou seja, forneçam formas de instrumentalizá-la.

Como assevera Gomes (2021, p.30) uma formação que possam “compreender a dimensão do ato de ensinar, pois com isso eles terão capacidade de perceber, que por traz de um aluno que apresenta dificuldade de aprendizagem, também pode estar um professor com dificuldade de ensinagem”. Complementa ainda: “com isso, cria-se a possibilidade de refletir, tanto a respeito de quem aprende, como se aprende, tanto quanto, sobre a forma de como se ensina, bem como sobre a forma como é o que se ensina” (Op.cit).

Para atingir esse objetivo, uma formação a permanência deve se estender às áreas de competências, habilidades e atitudes, e os valores e percepções de cada professor e de toda a equipe devem ser permanentemente questionados. É preciso estabelecer que dois fatores são importantes a formação continuada.

Figura 2 - Fatores necessários à formação continuada



Fonte: Elaboração da autora.

O primeiro fator necessário é motivação docente, pois necessitam estar abertos a novos desenvolvimentos na prática docente e estar dispostos a transformar o seu papel como educadores. E posterior, que depende do primeiro fator, um modelo formativo que atenda suas necessidades. Incide sobre aprender a aprender por meio da experiência, ou seja, organizar as práticas de avaliação como base para uma política de formação contínua centrada nas práticas de ensino, o que só pode ser alcançado através da crítica e da quebra de sistemas fragmentados e modelos descontextualizados (GOMES, 2021).

A formação continuada à medida que abordamos situações específicas de avaliação escolar, envolvendo-nos na discussão entre pares, questionando e rompendo certezas existentes,

ajudará a desmistificar dogmas de avaliação pré-existentes. Por acreditar que é possível reestruturar a avaliação ao objetivo que ela propõe, a formação continuada pode abranger:

1. Fundamentos da avaliação: conceitos básicos, princípios e modelos de avaliação.
2. Instrumentos de avaliação: técnicas e estratégias para a criação de instrumentos válidos e confiáveis.
3. Coleta de dados: métodos e técnicas para a coleta de dados relevantes e objetivos.
4. Análise de dados: estratégias de análise estatística e interpretação dos resultados.
5. Relatório e comunicação dos resultados: técnicas para apresentar os resultados da avaliação de forma objetiva e clara.

Além disso, a formação continuada em avaliação pode abordar questões éticas e legais relacionadas à avaliação, bem como discutir desafios, tendências da atualidade. Importante ressaltar que a formação continuada em avaliação deve ser adaptada às necessidades específicas de cada profissional e aos contextos em que atuam.

Portanto, investir na formação contínua em avaliação é crucial para atualizar, melhorar a prática e garantir a qualidade avaliativa.

### **3. Carência identificada: descrição dos dados coletados.**

4188

Avaliar é um processo difícil de executar na prática educativa, embora avanços importantes foram alcançados nos últimos anos. Ora os professores ainda não têm condições de qualificar conhecimento dos alunos, ora por condições burocráticas das instituições: relatórios, fechamento de diários, notas, semana de provas, semana de recuperação, etc. Pode-se perguntar: Estariam preocupados com o que os seus alunos estão aprendendo? Ou, como estão aprendendo? A partir de novas exigências, muito tem-se tentado renovar, construir uma nova cultura avaliativa, porém há muito o que aprender.

Disso decorre a formação continuada com fator de mudança na prática avaliativa. Entender como os atores educacionais veem esse processo e desejam mudanças é o ‘ponta pé inicial’ da discussão realizada mediante essa pesquisa, pois há quem deseje a mudança e quem crie desculpas para não romper com o modelo classificatório.

Percebe-se que a avaliação, tal como deve ser concebida, continua a ser um desafio dado os objetivos pretendidos. Deste modo, pode e deve ser discutido entre professores e demais sujeitos escolares, a reflexão sobre sua prática pedagógica, as estratégias de ensino, das quais faz uso. Construir uma prática que rompa com as práticas tradicionais. Na visão da maioria dos

entrevistados, as avaliações do período escolar, reproduziram a avaliação pautada na mensuração, descrição e juízo de valor. Será que há o desejo de mudança entre os pesquisados? Vejamos<sup>3</sup>:

---

Relatos: *Gostaria que as avaliações pudessem ser menos tradicionais. Através da evolução contínua do aluno e trabalhos com exposições dialogadas, aula invertida, onde o aluno tem a oportunidade de preparar uma aula e explicar do seu jeito.*(P5)

---

*Sim. Penso que a avaliação precisa ter uma função diagnóstica e formativa, sobre essa premissa, ela deve ser diversa em critérios e instrumentos.* (CO11)

---

*Possível é, no entanto é necessário mudar a concepção de avaliação. Compreendo a avaliação também como uma autoavaliação do professor, instituição.* (DI8)

---

O que se pode observar, nesses relatos, uma postura de mudança. Essa necessária renovação requer um profissional da educação para a nova era. Ao tratar da inovação educativa,

O professor ou a professora não deveria ser um técnico que desenvolve ou implementa inovações prescritas, mas deveria converter-se em um profissional que deve participar ativa e criticamente no verdadeiro processo de inovação e mudança, a partir de e em seu próprio contexto, em um processo dinâmico e flexível. Mas esses processos precisam de uma mudança nas estruturas profissionais e sociais. Precisam contar com o grupo interno da instituição e com o apoio da comunidade que envolve a instituição (IMBERNÓN, 2021, p. 18),

4189

Nessa perspectiva, romper com a inercia e práticas do passado deve-se estabelecer um mecanismo profissional e estruturado, para provocar mudanças nas instituições educativas. Ao usar as palavras do autor, “a meu ver, o professor e as condições de trabalho são o núcleo fundamental da inovação nas instituições educativas; mas talvez o problema não esteja apenas nos sujeitos docentes, e sim nos processos políticos, sociais e educativos” (IMBERNÓN, 2021, p. 18). Devem contar com o grupo interno da instituição educacional, bem como da comunidade que envolve esta instituição.

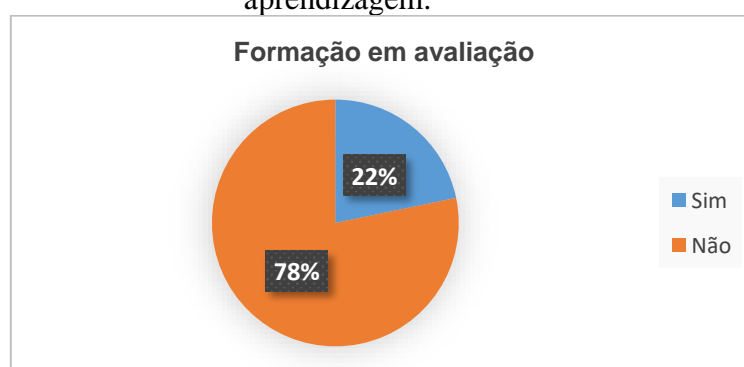
No limite desse ensaio, em se tratando da questão avaliativa, “qualquer modelo de avaliação que não seja pautado na reflexão, revisão de conceitos e delineamento de novas ações, se torna excludente e opressor” (CO23), como bem descreve a coordenadora entrevistada. Isso porque “a avaliação é fundamental para a formação humana, pois aponta o que aprendemos e o que ainda precisa ser aprendido” (P9).

---

<sup>3</sup> Como forma de preservar os participantes da pesquisa será utilizado siglas para identificar P = professor, CO = coordenador e D = diretor seguido da numeração de ordem que ocupa no questionário do Google form.

No campo formativo, pergunto aos diretores e coordenadores: já proporcionou aos educadores uma formação continuada para tratar especificamente sobre avaliação da aprendizagem? Nesse quesito é claro que os responsáveis pela preparação para a formação dos profissionais da educação necessitariam ter papel decisivo na promoção de aspectos relacionados profissão docente, principalmente no que se diz respeito a avaliação. Comprometer-se com o desenvolvimento é promover mudanças e inovação. Os resultados abaixo demonstram uma dificuldade generalizada na oferta de formação.

GRÁFICO 1: Promoção de formação continuada para educadores em avaliação da aprendizagem.



Fonte: Própria autora (2023)

O que se pode observar nos dados computados pelos relatos, é um cenário constituído de uma deficiência formativa no campo da avaliação. Gomes (2021) denuncia a ausência de um quadro de reflexão sobre a prática, pressupondo que uma formação se estabelece por acumulação de curso, palestras, semana pedagógicas. Porém, alerta sobre a relação entre docência e formação não pode se dar de forma aleatória. “Todo profissional necessita estar em constante formação como meio de se qualificar, com vistas a estar sempre atualizado e assim, ficar por dentro das novidades” (GOMES, 2021, p. 43)

Em síntese, os discursos sobre avaliação no decorrer das entrevistas constata-se uma pequena evolução, no entanto, o posicionamento dos gestores em relação a formação continuada deixa em evidência que o distanciamento entre os discursos e as práticas ainda é latente. “É importante que a gestão escolar como um todo possa (re)pensar sobre a importância de se ter um processo avaliativo eficaz de modo democrático” (VITAL, 2022, p. 13). A autora deixa claro o papel da equipe escolar em fomentar e engajar docentes em dinâmicas formadoras oportunizando repensa suas práticas, e assim melhorar a qualidade do ensino.

A atuação dos diretores e os coordenadores no trato direto com os professores, o primeiro oferece condições para o ensino-aprendizagem, e o segundo agente na ação direta do

ensino-aprendizagem. Entretanto, o papel de formador do coordenador se for para aconselhar sobre procedimentos técnicos, gerenciais, lineares e uniformes, é melhor eliminar tal função entre iguais. Para tal, o sistema desenvolveu outros mecanismos de apoio às escolas (IMBERNÓN, 2022), ou seja, ao invés de interceder em demandas advindas dos professores, perdem tempo com processos burocráticos.

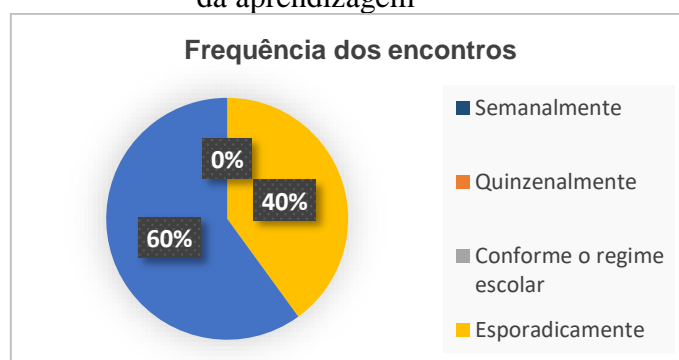
Muitas vezes colocam a responsabilidade somente no coordenador como o papel de formador. Claro, o coordenador se destaca como uma atividades-fim, pois coordena as situações pedagógicas entre professores/alunos. No entanto, precisa refletir o papel do diretor escolar por necessitar estar em consonância com coordenador.

Portanto, esses agentes têm o compromisso direto de facilitar o processo de ensino aprendizagem, bem como construir o caminho das aprendizagens na escola. “É essencial que a gestão possa promover debates, discussões, revisão dos processos avaliativos, refletir sobre diretrizes que utiliza, bem como ter um movimento constante sobre a importância e a eficácia do seu projeto político pedagógico” (VITAL, 2022, p. 13). Cada escola dando abertura a essas reflexões, instituição e docentes juntos, revejam a avaliação enquanto prática pedagógica, já que caminham juntas.

Ainda sigo questionando: Se a resposta anterior foi sim, qual a frequência dos encontros com professores para tratar do tema avaliação da aprendizagem? Entre as alternativas “semanalmente”, “quinzenalmente”, “conforme o regimento escolar”, “esporadicamente” e “nunca” as duas últimas alternativas foram as escolhidas. Isso porque 22% dessa categoria responderam “sim”.

4191

GRÁFICO 2: Frequência dos encontros com professores para tratar do tema avaliação da aprendizagem



Fonte: Própria da autora (2023)

O fato de 60% desse público assumir que “nunca” propiciou encontros com professores para tratar do tema avaliação da aprendizagem pode ser traduzido como “não” a questão

anterior. Pode assim circunscrever: ‘Nunca promovi formação continuada para educadores em avaliação da aprendizagem’. Se deve a ocorrência de em suas propostas de desenvolvimento organizacional das instituições escolares, avaliação não tem a preocupação necessária a que se destina.

Ao responder “esporadicamente” é uma maneira de suavizar a falta de espaços para a reflexão sobre o fazer cotidiano e apropriação de novos saberes dos professores. Quando o entrevistado trata da avaliação com seus pares respondendo, “De verdade, só no final das unidades” (CO2), demonstra o agravamento da percepção que esses profissionais têm sobre avaliação da aprendizagem, limita severamente o desenvolvimento da sua carreira, o que por sua vez afeta os estudantes.

Devido a carência de estudos sobre a formação continuada no âmbito da avaliação da aprendizagem, pode estar relacionado ao fato de cada professor trabalhar com os alunos sem ter formação teórica e prática satisfatória nesta área. Até porque seus procedimentos, instrumentos, critérios estão postos pelos regimentos escolares e normativas legais, importa que assim sejam compreendidos e praticados em função de suas especificidades.

Nesse sentido, é preciso ressaltar que tais processos existem e necessitam ser reestruturados no pensar e agir dos agentes escolares de modo a abandonar os conceitos e costumes de atuar estão enraizadas em nossas crenças conscientes e/ou inconscientes sobre o assunto. Por isso mesmo, é tão conflituosa e complexa, pois como foi constatado, a maior parte do processo ainda acontece no âmbito do inconsciente.

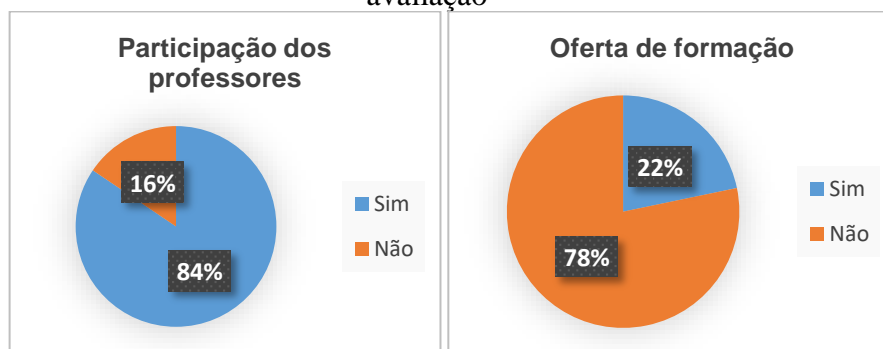
Para Scallon (2015, p. 24) “já dispomos de saberes e de saber-fazer prontos para serem utilizados, mas restam ainda muitos aspectos a serem especificados e ferramentas a serem refinados”. Precisa, deste modo, atualizar a formação dos indivíduos, pois o fazer pedagógico está em constante redefinição, mudança de perspectivas e reformas.

Diante do exposto, pergunto: Você já participou de alguma formação continuada com o tema avaliação da aprendizagem? Nessa questão houve divergência nas respostas, demonstrando como é complexo as discussões acerca dos desafios da formação continuada em avaliação. Muitos acreditam ter participado de formação continuada somente pelo fato de discutir o tema, como dito posteriormente em encontros esporádicos de professores. Um programa de formação continuada docente necessita de uma estratégia a longo prazo, com esforços sistematizados, sustentáveis, valorizando a prática dos educadores como um ambiente privilegiado de formação e reflexão sobre as maneiras de aprender, bem como de ensinar (MACHADO, 2005).

Deste modo, de acordo Benachio (2012) ‘continuada’ aponta que a formação é idealizada como uma ação contínua, sem períodos predeterminado com o objetivo auxiliar os profissionais a integrar tal vivência ligado aos saberes de sua profissão. Assim, vai se construindo num processo dialético a partir do “binômio teoria-prática e reflexão-ação para “aprender”” (BENACHIO, 2012, p. 34)

Partindo do pressuposto que não há formação continuada em avaliação, a analisando os dados coletados, as divergências entre participar e ofertar a formação deve-se ao fato de sua ausência. Os professores em sua maioria indicaram ter participado da formação continuada com o tema avaliação da aprendizagem. Replicadas as respostas abaixo.

GRÁFICO 3: Dissonâncias entres os pares sobre oferta de formação continuada em avaliação



Fonte: Própria da autora (2023)

63% dos professores afirmaram ter participado das formações disponibilizada pela Secretaria de Educação do município, conforme a tabulação dos dados fornecido pelo questionário. No entanto, como mostra o gráfico de oferta ao lado, 78% dos gestores entrevistados não ofertou este tipo de estudo contínuo. O que vale destacar a desconexão entre as afirmações.

Os dados recolhidos enquadraram uma dicotomia entre proposições e práticas, reconhecendo a vulnerabilidade dos avaliadores na construção de ações eficazes, o que teve implicações diretas na avaliação. Essas fragilidades referem-se à falta de reflexão sobre temas cruciais no processo de formação de professores. Entretanto, quais ações estão sendo refletidas sobre estas concepções se a prática avaliativa vivenciada ainda se aproxima da tradicional? Como transformar avaliação ‘da’ aprendizagem em avaliação ‘para’ aprendizagem se somente ‘às vezes’ se discute sobre avaliação.

Nos alerta Luckesi (2021, p. 425): “se desejamos sucesso em nossa ação, importa, de modo consciente, buscar soluções tendo em vista ultrapassar os impasses emergentes em nossas relações de ensinar-aprender no âmbito de nossas escolas”. O que quer dizer exercitar o ensino

e conseqüentemente o ato avaliativo. Se não há essa reflexão sobre ação pedagógica dos professores, como ficou evidenciado na pesquisa, também não há aprendizagem da avaliação.

De acordo o resultado apresentado, pode-se questionar não só a falta de uma formação focada na avaliação para a aprendizagem, bem como o papel do coordenador pedagógico e gestores na organização de espaço/tempo de estudo e reflexão com todos os professores da escola. Precisam instituir um programa de formação continuada confrontando os conhecimentos existentes com as novas informações, partindo do fazer dos professores e assim melhorar tanto a teoria como a prática. Deste modo, a ausência de uma formação destinada à avaliação da aprendizagem limita ao alcance de boas práticas com instrumentos e critérios voltados a aprendizagem dos educandos.

Para complementar a discussão, visto que a dicotomia demonstra não haver uma discussão com mais afinco sobre avaliação, perguntei aos coordenadores e diretores: Em que momento trata especificamente sobre avaliação da aprendizagem com os professores? Na grande maioria destacam as atividades complementares (ACs) como espaço de discussão da temática. Todavia, debates, jornada pedagógica, reuniões escolares não tem o mesmo grau de subsidio de investimento significativo na própria avaliação.

A prática terá que ser aprendida no dia a dia da vida escolar, experimentando, investigando, buscando novas possibilidades, ultrapassando os impasses e incômodos, sempre assentados sobre conhecimentos significativos e válidos. Certamente que essa aprendizagem não se fará de um dia para o outro ou de um momento para outro. É uma aprendizagem que exige tempo e atenção específica, na medida em que herdamos e constituímos hábitos que conduzem a uma forma automática de agir (LUCKESI, 2013, p. 26).

Percebe-se nessa ideia, o desenvolvimento de aprendizagens em serviço como desdobramento a mudança de prática dos professores. Algumas narrativas ampliam o debate em relação às atividades complementares como espaço para formação em avaliação da aprendizagem:

Relatos:

É primordial, né Vanuza, falar de avaliação nos ACs [...] Se planeja, faz um projeto pra quinze dias e não fala de avaliação não existe projeto. Ainda que fique subentendido no projeto. (DI)

[...] Seria interessante que fosse discutido, até mesmo porque existem vários professores de vários ciclos, né? que a experienciade um talvez ajudasse outro. (P)

Porém, esse é um desejo não concretizado, pois seus formadores desconsideram investir na formação continuada dos professores com vista a sanar algumas defasagens inerentes à

avaliação e ao processo de ensino-aprendizagem dos alunos. Levantado questionamento com a professora foi clara ao relatar que “se discute avaliação da aprendizagem nos Acs, Tô tentando me lembrar aqui, não me lembro. Muito raramente. Viu? Acontece às vezes, mas é muito difícil [...] A gente vê mais na jornada, mas nos ACs, raro” (P). Corroborando com este argumento a diretora diz: “Não. A maioria dos Acs são pra tomadas de decisões [...] ficando a parte pedagógica para a coordenadora de polo” (DI). Não diferente dos demais a coordenadora responde: “Às vezes discutimos nas escolas [...]”. A visão dos entrevistados denuncia na tentativa de maquiagem a realidade acerca do dilema ter ou ter formação em avaliação.

Os relatos indicam a necessidade investir na formação docente no ambiente em que desenvolve sua atividade. A LDB n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, em seu artigo 61 – propõe a formação continuada em serviço, incentivando as escolas de regime público de ensino a desenvolver programas de formação em serviço, valorizando a formação coletiva contínua dos professores em espaço escolar. O próprio Caderno Pedagógico que rege as escolas públicas do município descreve o planejamento como espaço para sistematizar o ensino e a aprendizagem como um todo: a educação, o educando, o ensino, o educador, as matérias, as disciplinas, os conteúdos, os métodos e técnicas de ensino e a organização administrativa da escola e sobre a comunidade escolar (Caderno Pedagógico, 2022).

Infelizmente, ainda não é uma realidade de muitas escolas, o que contribui para o fracasso do agir em avaliação e assim culmina no fracasso do ensino-aprendizagem. Nisto, quando os coordenadores pedagógicos assumirem papel de formadores possibilitará aos professores refletirem com mais propriedade sobre o seu fazer docente e evitaria equívocos como descrito a seguir:

Relatos:	Só na Jornada pedagógica em 2019 . (P)
	No início do ano letivo sempre tinha uma pauta sobre a avaliação. (P)
	Ao final de cada unidade, ano letivo e durante as reuniões pedagógicas, em algumas formações específicas. (P)

Essa prática pouco tem servido para fluidez na ação pedagógicas dos professores, por estar permeando esporadicamente as discussões nas escolas. Então a necessidade, se deve ao fato porque muitas práticas de ensino pouco fazem para enfrentar os desafios atuais, à medida que a educação contemporânea passa por transformações radicais (DELORS, 2014). 98% dos professores declaram imperativo uma formação para melhor avaliar, então a postura inicial

fundamental do educador é: investir no ensino efetivamente e os estudantes aprenderão (LUCKESI, 2021).

Reconhece-se a transformação acerca do tema, porém muito há que se fazer nesse sentido. O caminho mais viável é a formação continuada é. Gomes ainda assevera que:

Com isso, se faz necessário um repensar tanto a respeito da questão do conhecimento ensinado, quanto sobre sua utilidade diária, pois nessa época, também chamada de era do conhecimento aligeirado, exige-se uma necessidade de redefinir um processo de ensino-aprendizagem que seja de forma diferenciada, levando em consideração as várias realidades (2021, p. 16).

Portanto, a formação como momento-chave necessita ser desejada, valorizada e, acima de tudo, planejada e compostas por realidades próprias obedecendo a máxima da ação-reflexão-ação. Com isso, diante das situações apresentadas pelo grupo de professores, coordenadores e diretores, declaram a premência de revisitar esse tema e aliar esse pressuposto como um possível desejo de transformação da avaliação voltada para as aprendizagens nos espaços escolares.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

4196

A discussão sobre a avaliação deve ser abarcada como fator de desenvolvimento da aprendizagem. Recapitulando a fala de Luckesi (2013) reafirmo a necessidade de uma formação em avaliação como premissa de iniciar uma modificação institucional. Assim, entre nós educadores, é necessário investir na ‘aprendizagem da avaliação’ como habilidade que necessitamos adquirir para ampliar o repertório pedagógico.

Calcada numa prática que pouco se discute nas escolas as avaliações dos estudantes parece disseminar de maneira frágil, inconsistente, pois mesmo entre os formadores entrevistados muitos nem lembram se tiveram formação em avaliação. Embora em teoria estejam mais próximos do conceito de avaliação centrado na aprendizagem, ainda estão distantes por conservar práticas classificatória de avaliação.

Dito isso, passar da compreensão de conceito para a prática é o desafio posto. Longe de ser uma receita pronta e acabada. É essencial dedicar atenção e investimento em aprender, consequentemente contribui para formação do avaliador. Essa dissociabilidade da prática pedagógica e avaliação traz aos gestores e corpo docente habilidades para enfrentar as mudanças no exercício profissional.

É importante que profissionais e instituições valorizem e incentivem a formação contínua em avaliação, reconhecendo sua importância na melhoria da qualidade dos processos avaliativos e na obtenção de resultados mais eficientes. Fica o convite!

## **5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BENACHIO, Marly das Neves. Como os professores aprendem a ressignificar sua prática. São Paulo: Paulinas, 2012.

GOMES, Antônio. Formação continuada de professores: dilemas da prática docente. Cilene Maria Lima Antunes Maciel (Org) – Curitiba: CRV, 2021.

LUCKESI, Cipriano Carlos. Avaliação da aprendizagem escolar: estudo e proposições. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

\_\_\_\_\_. Avaliação da aprendizagem escolar: passado, presente e futuro. 1 ed. São Paulo: Cortez, 2021.

OLIVEIRA, Vanuza Cecília de. Avaliação da aprendizagem: análise diagnóstica para ações pedagógicas no Ensino Fundamental I na escola municipal Eduardo Martini – Serra do Ramalho –Ba. São Paulo: editora Dialética, 2022.

SCALLON, Gérard, Avaliação da aprendizagem no abordar competência. Tradução de Juliana Vermelho Martins. Curitiba: PUCPREes, 2015.

VITAL, Carla. Avaliação de aprendizagem em matemática. Editora Senac: São Paulo – 2022.